



EM ESCUTA:

RELATOS DE PROFESSORES
QUE ENSINAM MATEMÁTICA
EM TEMPOS DE PANDEMIA



ORGANIZADORAS:

Débora Regina Wagner
Pâmela Andreza Padilha



FLORIANÓPOLIS
2022



A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

APRESENTAÇÃO



Este dossiê é fruto do projeto¹ de extensão denominado “Em Escuta: relatos e memórias de professores que ensinam matemática em tempos de pandemia”, cujo objetivo foi produzir, por meio de cartas, uma teia de relatos e memórias que envolvem o ofício do professor que ensina matemática, as práticas educativas e a vida cotidiana durante a pandemia de Covid-19. Contudo, durante o período de realização do projeto ampliou-se o convite para outros profissionais que atuam na área da educação, em especial, aqueles que atuam nas coordenações pedagógicas e Secretarias de Educação.

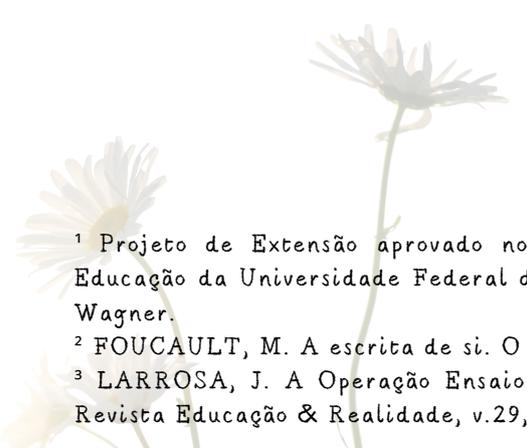
A escrita de cartas foi a estratégia metodológica assumida para caminhar com o outro por meio de caminhos que se compuseram na forma de palavras, pensamentos, memórias, relatos, numa tentativa de forjar bons encontros e tornar visível caminhos que se fazem ao caminhar. É, ainda, um modo de percebermos, por nós mesmos o movimento de nossos pensamentos, uma vez que “escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”², comprometendo-se com uma verdade que tem mais a ver com as relações entre cada sujeito que escreve e sua própria escrita, seus pensamentos e sua vida, do que uma verdade atrelada a ideias ou conceitos que visa estabelecer relações entre enunciados e a chamada realidade³.

As memórias e relatos em forma de carta são um convite aos professores e profissionais da educação para o exercício da escrita, e ao mesmo tempo, se colocar na condição de escuta. Uma escuta que ultrapassa o ouvir, que dê tempo a si e ao outro, que tenha tempo e que seja tempo de compartilhar, silenciar, acolher, solidarizar, aprender.

¹ Projeto de Extensão aprovado no Departamento de Metodologia de Ensino no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a coordenação da professora Dra. Débora Regina Wagner.

² FOUCAULT, M. A escrita de si. O que é um autor? Lisboa; Passagem, 1992. pp. 126-160.

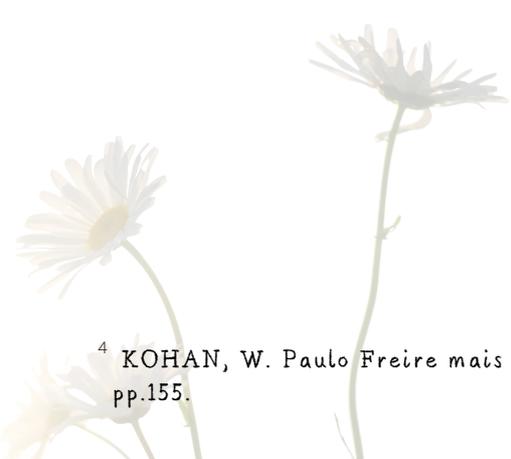
³ LARROSA, J. A Operação Ensaio: Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Revista Educação & Realidade, v.29, n.1, 2004. p.27-43.





Cada carta é única e carrega consigo a singularidade de quem a escreve. É no conjunto das cartas há algo que as atravessa e, por ora, as une: modos de dizer e escrever de si que movimentam práticas, fazem pensar, inspiram, provocam e, sobretudo, fazem caminhar por caminhos ainda não traçados, por lugares que, embora desconhecidos, não impedem o caminhar, criando condições para que se perceba que sempre é possível ser de outra maneira, habitar outros mundos. Daí que “educar diz respeito a colocar em questão, problematizar, sacudir, resistir a esse mundo que é menos mundo para muitos e transformar as formas de vida que habitamos, embora não saibamos o destino final desse movimento” .

Que essas cartas operem como dispositivos que possibilitem o fortalecimento de relações entre instituições de ensino, professores e educadores, provocando pensar como vamos nos tornando aquilo que somos, o modo como nos relacionamos com a educação, a matemática e seu ensino, a escola, a universidade, os estudantes, as tecnologias, os vazios e silêncios, as dúvidas, angústias e incertezas, o mundo e as coisas do mundo. É que tornem visíveis escritas moventes e professores andarilhos que compartilham, escutam, sensibilizam-se, expõem-se, mas que também questionam, resistem, tensionam e problematizam o ofício de professor, o ensinar e o aprender em tempos bastante peculiares.



⁴ KOHAN, W. Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019. pp.155.



CARTAS

Débora Regina Wagner	5
Juliano Espezim	7
Diogo Lourenço da Luz	8
Daiana Zanelato dos Anjos	10
Luciana Cristina Toaldo Baretta	11
Fabiana Polessa Cardoso	12
Joseane Pinto de Arruda	14
Reginaldo Fernando Carneiro	16
Edivaldo Lubavem Pereira	18
Cássia Aline Schuck	19
Jussara Brigo	20
Letícia Knaul Ferreira	22
Sirlei Marli Gerhardt Rosa	23
Izolete dos Santos Riqueti	24
Paula Cristina Bacca	25
Eliamar Corradi	26
Marcos Denilson Guimarães	28

Em escuta

Por: Débora Regina Wagner*

Tem alguém aí? Alguém escuta? Quem está na escuta?

Aprender e ensinar em tempos de pandemia tem sido um grande desafio. Isso tem agitado os pensamentos de uma professora nos últimos meses, me provocando escrever essa carta-relato. Tenho sentido que o tempo de aprender e ensinar parece outro.

Da seleção dos textos, artigos, vídeos, oficinas, seminários, elaboração de atividades que compõe o conjunto de aulas de uma disciplina, muita pesquisa, busca, estudo, desafios, silêncios, paradas e pensamentos.

É interessante perceber que o tempo de preparação de uma aula remota excede e muito o tempo de preparação de uma aula presencial. O tempo de preparação das aulas parece que foi esticado, está elástico. Por outro lado, o tempo previsto para a realização de uma aula remota foi reduzido, parece muito menor do que o tempo que ficávamos juntos, presencialmente, em uma sala de aula.

Sim, a relação com o tempo é outra! Tempo que se estica e se reduz, tempo elástico, outro tempo... Aulas síncronas e assíncronas.

Durante as aulas síncronas: vezes e imagens se intercalam. Por vezes, são somente vezes, por outras, imagens e, na maior parte do tempo, o silêncio habita o tempo das aulas. Câmeras e microfones parecem permanecer desligados por bastante tempo. Será que alguém habita esse espaço virtual? Uma professora fala e se sente só, embora, do outro lado da tela, alguns estudantes a ouvem, outros, a escutam. A fala da professora ecoa na sala de sua casa e se dissipa no silêncio. Silêncios que se perdem no tempo.

Tem alguém aí? Alguém escuta? Quem está na sala? Quem habita o encontro?

Volta e meia alguém abre o microfone e responde: sim, estamos aqui.

As conversas, reflexões e discussões não são mais as mesmas.

É verdade que em alguns momentos fluem de modo intenso e interessante, em outros, são truncadas, por vezes interrompidas por conexões que caem e congelam.

As aulas remotas não imprimem o mesmo ritmo das aulas presenciais e a ausência de calor humano e da possibilidade de dialogar olho no olho tornou os momentos de leitura, estudo e realização de atividades um tanto quanto solitário. Da praticidade do encontro de muitos a solidão de nossas casas. Vidas múltiplas mas solitárias.

Postar uma atividade em um determinado dia e receber um feedback por mensagem via Moodle, alguns dias depois, carrega um quê de frieza e impessoalidade. Pensando bem, isso não é exclusividade do ensino remoto, pois na sala de aula isso também acontece.

Quando digo que não são mais as mesmas, talvez seja importante dizer que sou uma professora que gosta da sala de aula. Gosto daquilo que meu ofício me proporciona: apresentar a matemática e pensar com ela em um espaço onde o debate, o diálogo e as provocações possam estar sempre presentes, provocando e desestabilizando o pensar, o ensinar, o aprender.

continua...



Atrair para a matéria e não para o saber pronto tem se tornado um exercício para mim, numa relação com o saber que se distancia de acumular e consumir soluções, mas, antes, compartilhar, problematizar, provocar e exercitar o pensar. De modo como penso e me relaciono com o aprender, a presença física estabelece uma relação simbólica.

Diante de aulas remotas as dúvidas em relação às atividades e o planejamento das aulas aparecem menos. Não sei se elas deixaram de existir ou se são os efeitos das dificuldades de lidar com a tecnologia e outro modo de comunicação que as abafam, desanimando os estudantes fazendo-as perder suas forças.

A ausência de alguns estudantes têm chamado a atenção. Devido ao trabalho, a falta de equipamentos como computador e internet e as dificuldades em conciliar estudo e família dentro de um mesmo espaço muitos estudantes trancaram o curso e outros desistiram pelo caminho. Sinto muito por eles e, espero, sinceramente, que retornem em outro momento.

Por outro lado, esse movimento tem possibilitado a abertura de brechas e a emergência de outros olhares, outros pensamentos, outras perspectivas. Os sinais e apontamentos dos estudantes me provocam pensar e imprimem um ritmo lento e cauteloso diante da matemática que se apresenta, dos modos de pensar e praticar os estágios, do movimento das aulas e seus modos de acontecerem, da relação entre tudo isso e educação do campo. Processo de invenção, experiência de problematização: aprender! A possibilidade de re-inventar-se é potência!

Estou no processo e sigo caminhando. Não sei dizer em que altura do caminho me encontro, mas sigo dando um passo de cada vez, afinal, é preciso seguir, viajar, perder-se. Quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, forçados a pensar, aprender e produzir outras maneiras de propor e realizar atividades que pareciam simples e rotineiras e que seguiam um fluxo certo e cadenciado de uma vida normalizada pelas práticas cotidianas.

Parar, dar-se o tempo, escutar, estranhar, possibilita trazer à tona aquilo que por ora havíamos esquecido: o caráter inventivo daquilo que propomos. O ritmo é outro. A cadência que me embala não define uma coreografia e ainda estou tateando, ensaiando, escutando, silenciando, inventando. Estou no rastro dos que tocam os tambores! Estou no rastro dos que acreditam que as palavras podem fazer barulho! Desejo me encontrar com aqueles que se colocam na condição de escuta.

Quais serão os barulhos e ruídos das suas palavras? O que ecoam das palavras que escrevo? O que você gostaria de contar sobre seus dias de ser e professor(a) que ensina matemática em tempos de pandemia? Será que alguém aí gostaria de escrever? Ou minhas palavras também ficaram no silêncio? Alguém me escuta?

Por entre linhas escritas cadencia um ritmo que têm a ver com pensamentos, angústias, silêncios e movimentos transgressivos de uma professora em relação ao seu ofício durante o período de pandemia do covid-19 neste ano de 2020.

Obrigada por dar-se o tempo e escutar-me!

Florianópolis, Brasil, dezembro de 2020.

*Sou a Débera, filha, mãe, esposa, amiga, professora, dentre tantas outras coisas que me constituem. Trabalhei por muitos anos na educação básica como professora de matemática e, desde 2014 exerce meu ofício no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina.



*Em escuta**Por: Juliano Espezim**

Apenas me digam de qual andar devo me jogar. Piloto automático. Flechas e flechas lançadas, mas que seguem um entrecorte e rompem com a linha reta. Entristece-me um tanto o confinamento, mesmo sabendo de sua importância.

Vejo minha filha sedenta por brincar com outras crianças, mas ela não pode. Faço o meu trabalho, mas economizo energia em virtude das vindouras e já anunciadas compressões de semestres, para que tudo volte ao normal. Uma dose de procrastinação. Boas doses de caloria. Listas de afazeres: projeto de pesquisa, artigo da tese, acompanhamento dos tccs, reuniões, aulas gravadas, encontros síncronos, planos de aula e de ensino...no final tudo da certo de alguma maneira.

Sinto falta das presenças. Comecei a beber água na moringa. Voltei a fumar. Votei. Volatilidade não soube aproveitar. Quiçá quando me disciplinar.

Florianópolis, Brasil, dezembro de 2020.

**Professor na Universidade Federal de Santa Catarina.*



Resposta à carta convite...

Por: Diego Lourenço da Luz*

Ser professor consiste em estar em sintonia com as pessoas para que possamos transmitir nosso conhecimento. Sintonia esta que desde os primórdios foi sempre pessoalmente, estar perto, estar próximo, dentro de uma sala de aula, num ambiente preparado para isso. Então, de repente, nos vimos em uma situação que devemos fazer o que fizemos estando longe um do outro, sem estar perto, sem o contato físico.

Para nós professores ensinar é estar perto das pessoas para ver, ouvir, sentir as reações e mais que isso ter o calor humano por perto para podê-lo sentir.

Em dado momento, nos sentimos perdidos pois precisamos continuar a ensinar olhando para uma tela de computador, vendo as pessoas na tela do computador, não estando mais presentes, não tendo mais a percepção do calor humano, tendo que adaptar o ensino às regras da tecnologia, e ainda por cima não conhecemos todos os detalhes das tecnologias.

Estamos ministrando aulas online para uma parcela dos alunos, pois não são todos os alunos que conseguem assistir a aula online. Muitas vezes nem os pais dos alunos sabem utilizar o celular adequadamente, o que dificulta mais ainda o aprendizado à distância para esse aluno. Então, para esses pais/alunos que possuem mais dificuldades para conseguir acessar uma aula online, uma das soluções encontradas por nós professores foi gravar um vídeo explicando o conteúdo e a atividade a ser realizada pelo aluno em sua casa.

Mas e o sentimento de fazer uma aula online falando para uma câmera de gravação? Será que é o mesmo que estar falando em sala de aula? Ahhhhh, eis a questão... Tenho certeza que sua resposta como docente, também foi NÃO. Pois é, esse foi um sentimento muito "doído" para nós professores que estamos acostumados com a sala de aula e com os alunos.

Estar ministrando aulas online ou gravar aulas em frente a uma câmera não foi nada fácil... Nada fácil em relação à presença de pessoas, pois num primeiro momento tive a sensação de estar falando sozinho, sem ter para quem olhar, sem visualizar os olhos das pessoas...

Quando em dado momento ao ministrar a aula online são vários sentimentos digamos assim, um pouco estranho, pois ao compartilhar um documento em tela cheia com os alunos eu só via o documento, e parecia que eu estava sozinho no meu escritório falando com as paredes...

Em vários momentos eu pedia para os alunos não desligarem seus microfones pois se alguém fazia um pequeno barulho, não importava qual fosse o barulho eu já me sentia melhor pois sabia que tinha alguém do outro lado interagindo naquele exato momento de apresentação da tela cheia do meu computador.

continua...



Fato este, Covid-19-Pandemia que nos fez refletir muito não só nós professores, mas todo o Mundo com novas formas de agir, pensar, conviver... Pensar que se estamos na escola é para ter boa educação, bom respeito, bom aprendizado, boa evolução e acima de tudo bons comportamentos como pessoas em qualquer lugar que estivermos, para assim fazer um país melhor com mais cidadania e honestidade para que todos juntos consigamos eliminar as pessoas corruptas, pois quem faz a corrupção são as pessoas...

Em momento de pandemia está muito claro, se alguém ainda não entendeu, vou grifar o texto aqui, "que cada um tem que fazer a sua parte e dar exemplo", se você não fizer a sua parte está claro que o vírus vai aumentar, aumentar e fazer mais vítimas...Então faça a sua parte nessa pandemia, cuide-se e dê exemplo, simples assim.

Se todo mundo der exemplo, logo logo todo mundo estará fazendo o correto e o vírus será vencido e nós seremos um país melhor.

Um abraço... faça sua parte que eu faço a minha!

Pinhalzinho, Brasil, dezembro de 2020.



Em escuta

Por: Daiana Zanclato dos Anjos*

Olá, eu sou Daiana. A profe Dai para tantos alunos da Escola de Educação Básica Professora Ursulina de Senna Castro do bairro Caminho Novo em Palhoça.

Dizer de onde falo, faz toda a diferença para mim e para quem me escuta. Eu sou uma das tantas professoras da Educação Básica desse país.

Em tempos de pandemia é difícil assumir-se professora. Mas estou aqui e falarei com o coração!

Ser professora em tempos de isolamento é isolar-se em um escritório, mas quase nunca é estar sozinha. Além das tantas dúvidas que me acompanham e das tantas mensagens que me chamam na rede social e nas plataformas digitais as quais fui apresentada de forma abrupta, me acompanham algumas certezas. E elas quase sempre são, no mínimo, desconfortáveis.

A certeza de que estou ensinando para uma diversidade e querendo que todos acessem de uma mesma forma o conhecimento, a certeza de que os meus vídeos não alcançam a todos, a certeza mais triste, a de que muitos dos alunos que me propõem a ensinar estão mais preocupados com o auxílio alimentação. Este que tardou e foi pouco.

Junto às certezas, as incertezas foram muitas e também me fizeram companhia. Será que ficarei doente? Se retornar à sala de aula, como faremos? Como estão aqueles estudantes que não respondem e que não encontramos? Quem ficará doente? Vazio, volto à solidão do isolamento.

Que a adversidade traz aprendizado, isso é verdade. Que o novo assombra, mas nos mostra outras formas de atuar, concordo.

Por isso, termino o meu breve relato dizendo que aprendi muito, me reciclei, atualizei e renovei velhas ações pedagógicas, mas que nada é tão transformador e tão potente no ato de ensinar e aprender quanto o "olho no olho" de um estudante e de sua professora.

Florianópolis, Brasil, dezembro de 2020.

*Professora na Escola de Educação Básica Professora Ursulina de Senna Castro.



Em escuta

*Por: Luciana Cristina Tealdo Baretto**

Neste período vivido e vivenciado a maior angústia foi ficar longe dos alunos, principalmente os carentes, pois sabe-se lá Deus o que passaram em suas casas.

A escola é um local onde esses pequenos nos contam e expõe as situações vivenciadas, muitas vezes esses pequenos não tem o que comer, vestir, onde dormir... isso corta o coração.

Nós em nossos lares, temos uma cama confortável, um chá ou café quentinho e pessoas queridas para nos ouvir, nos abraçar...

Será que essas crianças estavam ou estão como?

Capinzal, Brasil, dezembro de 2020.

**Professora na Escola Municipal Belisario Pena.*



Em escuta

Por: Fabiana Pelessa Cardoso*

Quando estávamos pegando o ritmo, alunos e professora, veio a notícia que iríamos ficar em casa por um tempo por causa da Covid19. E o tempo foi passando e nos deparamos com o ensino a distância. Fomos obrigados, alunos e professora a entender tudo aquilo que estava acontecendo. A SEEDUC do RJ adotou a plataforma Google Classroom, eu conhecia um pouco, mas os meus alunos? Não tinham a mínima noção do que se tratava, do uso e de muito menos como iriam acessar. Foi nisso que tive a ideia de me oferecer para a direção da minha escola e entrarmos em contato com os 533 alunos.

Então assim começamos uma longa tarefa, com funcionários, direção e mais duas professoras, entrando ou tentando entrar em contato com os alunos, lembrando que muitos não estavam com a ficha atualizada, então por isso muitos não conseguimos ter contato. Montamos grupos de WhatsApp por turma e fomos explicando a situação que estávamos para vivenciar. E com a ajuda dos alunos, fomos trazendo outros alunos, que não tínhamos contato, mas infelizmente não conseguimos atingir 100% das turmas.

Assim fomos ajudando a cada um a conseguir o acesso a plataforma. Me cadastrei como aluna em uma das turmas e fui usando a plataforma e fazendo vídeos tutoriais para os alunos, de como deveriam enviar mensagens para falar com os professores, de como acessar as atividades, fazia um vídeo para cada situação. E do outro lado, os professores que não sabiam usar a plataforma.

Eu não sabia quase nada de tecnologia, em um espaço pequeno de tempo, encarei o desafio e aprendi muito, e fiz mais vídeos, mas agora, para ajudar os colegas professores. Mas a dificuldade não era só essa, nossos alunos não possuíam internet e nem aparelhos de telefone adequados para estudar. Computador? Pouquíssimos tinham. Até veio a frustração e o sentimento de impotência. O que poderia fazer para ajudá-los? Qual tipo de arquivo poderíamos colocar na plataforma para ser mais leve para abrir, depois de um tempo, comecei a fazer vídeos para orientá-los nos conteúdos, e eles precisam ser curtos para que conseguissem assistir. Assim vivemos durante meses.

No caminho me vi tirando dúvidas por WhatsApp, no individual e no grupo. Fazia as vezes uma aula com vídeo conferência usando Google Meet, onde foi outra maratona, precisei aprender e depois a ensiná-los de como usar, onde muitos não podiam assistir por ter internet de pacotes de dados.

continua...



Mas também tem o outro lado da realidade, muitos se aproveitaram para dar a desculpa de não ter internet. E também pais que nos apoiaram nos grupos de WhatsApp, que davam retorno sobre problemas com atrasos das atividades, compraram telefones celulares para os filhos estudarem e até mesmo aqueles que trocaram o plano de internet.

O isolamento social, o medo do vírus e o afastamento da sala de aula física, todos esses fatores me deixava as vezes desanimada, sem esperança e a superação foi vindo dia a dia. Depois de alguns meses adaptada a essa plataforma a outra escola que trabalho, iniciou o ensino remoto, um pouco tardio, e utilizou a plataforma Moodle, assim vieram novos desafios, ou seja, aprender mais e mais. Mas foi com toda essa vontade de aprender que fui acostumando a nova rotina. Poder fazer vídeo conferência com os alunos, me deixava mais animada, dava para matar um pouco da saudade. Quando me procuravam com dúvidas, me sentia mais perto da antiga realidade que vivíamos.

Claro que o desânimo batia quando não queriam abrir as câmeras ou responder por áudio. Assim fui me acostumando a nova realidade de aula, e refletindo sobre o que podia para fazê-los participarem das aulas, mais um desafio que enfrentei. Usar a diversidade de recursos que aprendi foi muito legal! Vídeos produzidos no LOOM, gravados de um pequeno quadro branco, que adaptei para que vissem minha mão e ouvissem minha voz, podcast (que também aprendi a fazer), atividades elaboradas no Google Forms e aprendi muito mais sobre o Excel, devido as inúmeras planilhas que precisei fazer para as escolas.

Mas claro que não posso deixar de comentar sobre a perda que todos os alunos tiveram, mesmo aqueles que tiveram acesso as atividades, e pior, aqueles que não tiveram. Iremos amargar a falta de qualidade desse ensino nos anos seguintes. E a reflexão é, o que poderemos fazer para diminuir esse enorme impacto na educação?

Três Rios, Brasil, dezembro de 2020.

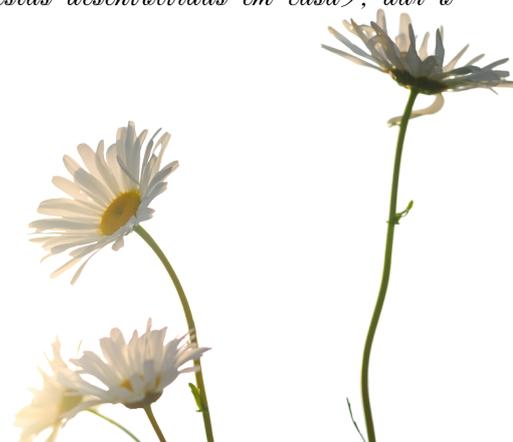


Em escuta

Por: Joseane Pinto de Arruda*

Sexta-feira, dia 13 de março de 2020 e um aviso urgente na escola: a partir de 16 de março de 2020 estão suspensas as aulas presenciais. Motivo: pandemia mundial causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid 19). Tal suspensão se estendeu por mais dias, meses e o ano, em função da disseminação e aumento de casos do Covid 19. Com isso minha rotina, de professora que ensina matemática nos anos iniciais em sala de aula, ficou em suspense. O tempo e o espaço não eram mais os mesmos. Nada, ninguém era a mesma coisa. Em um primeiro momento pensava quem eu seria diante desse cenário, o que seria a escola e o ensino da matemática. Desses questionamentos, a suspensão foi tomando formas e deixou de ser para se tornar uma “reinvenção” do tempo e do espaço. A escola tinha se tornado não presencial, fazendo uso de plataformas virtuais, recriando um vocabulário específico e marcando uma lógica e regra outra. A escola mudou de lugar, sem o tempo habitual e o espaço físico era outro (as casas). Era tudo outra vez de forma diferente, mudada: cursos obrigatórios aos professores, adaptação de currículo, planejamento, avaliação. Paralelo a isso, o corpo do professor (acredito que de todos) também se reinventando. Se antes estava em pé nas aulas presenciais, agora, sentada em frente a uma tela e em casa. Tudo novidade. Ver para ensinar por meio da tela, teclar para ensinar, conhecer a rede Internet e o ambiente virtual de aprendizagem, manter cautela ao pesquisar na Internet, evitar plágio, pensar no que pode ser naquele momento de aula, ter uma ideia simplificada dos assuntos e conceitos matemáticos a serem explorados. Cursos e mais cursos na própria plataforma, reuniões com as colegas sobre os tais cursos, sobre a adaptação de um currículo para o ensino da matemática, sobre as formas de explorar o ambiente virtual, sobre os cuidados com o conteúdo a ser exposto, sobre o como ensinar remotamente. Quanto desafio! Quanta informação! Quanto discurso vazio e cheio! Que estresse! Mas está tudo bem, o importante é o estudante, é a possibilidade de aprender e ensinar, estar em outro espaço, viver outro tempo. E assim, deu-se a nova rotina em cursos. Depois disso, vieram as aulas remotas ou não presenciais. E era um tal de: “e agora professora, caiu a Internet; conexão instável; acessa novamente; ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle em manutenção”. Apesar dessas situações, depois de minutos ou hora, estávamos no ambiente virtual de aula ou plataforma, tendo as chamadas “aulas síncronas” com os estudantes. Nessas aulas, não bastava pensar em ensinar matemática ao trazer slides e propostas de atividades interativas a serem realizadas com os estudantes no momento da aula virtual. Inclua-se, nessas aulas síncronas, a ideia de familiarizar os estudantes com esse ambiente virtual de aprendizagem, orientá-los de modo eficaz em como participar, em como realizar as atividades assíncronas (estas desenvolvidas em casa), dar o retorno das mesmas ao enviar arquivos ou usando outras ferramentas.

continua...



Vale dizer que, aos estudantes que não tinham acesso, as mesmas atividades eram enviadas para as famílias que se responsabilizavam em pegar na escola. No que se refere às famílias de estudantes das aulas virtuais, o desafio se estendia oferecendo horários para orientações particulares, ou "livres" acerca do funcionamento da nova plataforma de estudo virtual. Bem, o que posso dizer deste ano escolar de 2020 como professora que ensina matemática? Um primeiro dito é o de surpreender-se em como conseguimos ser plásticos e nos adaptar às situações que nunca vivenciamos, mesmo que de forma estressante. Isso vale para todos: professores, outros profissionais da escola, estudantes e famílias. Um segundo dito é o de perceber que apesar de todo esforço da escola em aproximar e ajudar famílias que não tinham acesso à Internet e dispositivos, foi visível nesse cenário de distanciamento social, uma desigualdade que vai além do pedagógico e do ensino da matemática. Ou seja, em meio à crise do Coronavírus, muitas famílias enfrentaram (enfrentam) dificuldades financeiras e que interferem nas condições de nossos estudantes. Por fim, um último dito, é o de que a distância imposta, a experiência da conectividade e de aprender juntos, aumentou o meu grau de óculos pelas horas diante na tela, alterou meu corpo, minha relação com o tempo e o espaço para ensinar matemática, des-mobilizou programas escolares, metodologias, teorias, terres, abraços, rotinas, medo. Se foi para melhor ou pior essa alteração, não sei dizer. Só sei que emoções e interações virtuais eu vivi, porque afinal, eu acredito na potência ou no que pode a escola, o ensino... mesmo nestes tempos tão sombrios.

Florianópolis, Brasil, dezembro de 2020.



Em escuta

Por: Reginaldo Fernando Carneiro*

Juiz de Fora, Minas Gerais, 17 de janeiro de 2020.

Oi Débora, como vai?

Espero que esteja bem!

Quem imaginaria em dezembro de 2019 o que nos aguardava em 2020, não é mesmo? Tinha feito planos para o fim de ano, em janeiro fui para praia com minha família e foi a primeira vez de minha sobrinha, com 1 ano e meio, experimentar a areia e a água salgada. Só felicidade! Foi então que em fevereiro tivemos notícias dos primeiros casos de covid-19 no Brasil e na metade de março tivemos a paralisação das aulas na Universidade devido à pandemia do novo Coronavírus. Um pouco antes, início de janeiro, estive a trabalho em Roma e por lá nesse período havia apenas um caso em um cruzeiro. Os italianos também não deviam imaginar a tragédia que se abateria sobre seu país. No início, pensava que o isolamento social seria por pouco tempo, mas com o passar dos meses fui percebendo que a situação era mais séria do que esperava.

Com a interrupção das aulas presenciais, parei por duas semanas também as reuniões do meu grupo de pesquisa, mas pensando bem resolvi retomá-las porque as pessoas precisariam ter uma rotina mesmo dentro de suas casas sem poder sair para, assim, tentarem se manter sãs. Por isso, retomamos as reuniões no início de abril.

Claro que essa situação que estamos ainda vivendo é muito triste e faz com que tenhamos uma avalanche de sentimentos, às vezes, ao mesmo tempo. Sentir-se sufocado por não poder sair, não ver os amigos, não poder respirar, fazer suas atividades fora de casa não é fácil, mas vamos aprendendo algumas coisas ao longo desse período.

Essa retomada das reuniões do grupo online permitiu que pessoas que estavam longe ou que não teriam tempo para ir até a Universidade participassem e isso enriqueceu o grupo com novos membros. Claro que o encontro via Google Meet tirou de todas a possibilidade de conversas antes e depois das reuniões, nossos cafés e um “cadim” de prosa sobre diferentes assuntos, mas foi uma possibilidade de ter mais uma atividade em nossa rotina.

Eu criei a minha durante a semana de trabalho e com atividades que pude manter como minhas aulas de violão e de canto, as aulas de inglês e também de pilates... mas fiquei sem minhas corridas. Algumas dessas atividades foram bem legais de realizar em casa e sem perder tanto tempo no trânsito em horários de pico em Juiz de Fora.

Solidariedade, angústias, medo, desespero, valorizar as pequenas coisas da vida, tristeza, amor, saúde foram sentimentos que perpassaram minha cabeça e meu corpo nesse período. Sentimentos distintos e controversos.

continua...



Vi, em Juiz de Fora, algumas ações que me fizeram acreditar ainda na humanidade e que me marcaram muito, como uma padaria que passou a disponibilizar pães gratuitamente para pessoas que moravam na rua e que devido à pandemia poderiam ter mais dificuldade em conseguir comida. Com isso, os meses foram passando e somente no final de setembro a Universidade retomou as aulas não presenciais com o ensino remoto. Novamente uma imensidão de sentimentos. Como seriam as aulas nesse novo formato? Como fazer as atividades que propunha nas aulas presenciais? Como seria a reação dos estudantes? Como formar professores com o ensino remoto?

Foram novas e diferentes aprendizagens para ter acesso às plataformas digitais disponibilizadas e repensar minhas aulas dos cursos de graduação e pós-graduação. Enfim, não foi fácil, mas aconteceram e penso que fiz meu melhor e foi da melhor maneira possível.

No meio disso, ficar longe da família e sem ver minha mãe foi uma das partes mais difíceis nesse período. Até que em setembro tive que ir para minha cidade porque minha avó querida com 93 anos não estava nada bem. Fiquei por lá quase um mês e ela, infelizmente, faleceu. Não sei como e tampouco se minha avó que ficou no hospital mais de uma semana pegou covid-19 lá, mas várias pessoas da minha família, inclusive eu, tivemos a doença.

Fiquei muito preocupado por todos eles, mas principalmente pela minha mãe que estava com 67 anos e pela minha sobrinha. É horrível não saber como vai acordar no dia seguinte e os sintomas que terá ou que os outros terão, por isso, a primeira coisa que fazia era ver se não havia nenhuma mensagem no celular e mandar mensagem pedindo notícias. Passei todo o tempo contando os dias do início dos sintomas para chegar logo ao fim do isolamento. Todos passamos até que bem pelos 14 dias de isolamento e uns mais que outros demoraram mais ou menos para se recuperarem totalmente, mas todos estão bem!

Nesse tempo e vivendo essas coisas, tivemos a ideia de pedir para professores de diferentes Estados, cidades e especialidades escreverem narrativas contando como estavam vivendo esse momento e como sua escola estava enfrentando o desafio de chegar até os alunos. Foram narrativas de desafios, dificuldades, medos e também de aprendizagem e de superação. Foi bom ter o alento de ouvir outros professores que na mesma situação estavam vivendo as mesmas coisas e compartilhando suas experiências.

Assim, cheguei ao final de um ano que achei que nunca fosse terminar... esgotado mentalmente de tanto trabalho que quadruplicou nesse período e nem sei como dei conta. As festas de final de ano foram tímidas, mas junto com a família para dar um alento e recarregar as baterias para viver mais um ano que não sabemos, novamente, como será.

Ao finalizar essa carta, soube pela internet da aprovação para uso emergencial das vacinas... um sopro de esperança nesse caos.

Um abraço esperançoso.

Juiz de Fora, Brasil, janeiro de 2021.



Em escuta

Por: Edivaldo Lubavem Pereira*

Minha carta é direcionada a todos aqueles, que assim como eu, encontram-se mergulhados nas reflexões, nos porquês, nas expetativas da vida, sobretudo no presente momento. Bem, de uma forma mais específica essa carta traduz meu sentimento de pesar pela ausência do coletivo, do contato físico, das risadas compartilhadas em grupo, das andanças nos corredores da universidade, do silêncio da biblioteca. Tudo isso me faz pensar que a vida é um verdadeiro sopro.... Ao mesmo tempo, acredito que não há nenhuma tempestade que dure para sempre e que, a universidade é o meu lugar. Lugar este que me revigora, me faz sentir importante, útil, compreensivo e mais indagador.

Aproximadamente há um ano que a pandemia invadiu nosso espaço, tive que me reinventar, trilhar caminhos distintos, adaptar-me aos recursos tecnológicos, que até então, eram usados para outros fins. As aulas virtuais, mesmo dinâmicas, não tinham o mesmo sabor, os conteúdos por sua vez, não continham total prazer. O quadro foi substituído pela tela de computador, do celular e isso reduziu, a meu ver, a potencialidade do professor. Potencialidade no sentido de tornar a aula uma peça de teatro, de se expressar, encarar a plateia (classe) com ousadia, das várias expressões faciais.

Enfim, vivemos momentos intensos que nos fazem repensar nossa prática, no meu caso, enquanto discente, que tanto me colocou a prova e não me fez desistir. Tento extrair o ponto significativo de cada situação, e a pandemia, sem dúvida é um ponto favorável para a Ciência. Diga-se de passagem muito bem reverenciado.

O surgimento da pandemia colocou a ciência em evidência! Embora o descrédito de muitos vieram à tona, a esperança de milhares brotou da fé. A criação da vacina provou que a ciência não pode ser tratada como algo irrelevante, ela deve ser reconhecida como tal. Desta forma, a esperança é como a matemática, a cada dia ela se triplica. Digo que ela voltou a reinar e os incrédulos se deram conta, ou esperamos que se deem, que o conhecimento mais que tudo é a única forma de combater o preconceito, a ignorância, a hostilidade, a carência de amor e principalmente a cura.

A partir de hoje, vamos perceber que novos dias estão chegando trazendo consigo o sentimento de superação, que fazem de nós aprendizes, neste emaranhado desafio que é viver.

Orleans, Brasil, janeiro de 2021.

*Pós-graduando na Universidade do Estado de Santa Catarina.



Em escuta

Por: Cássia Aline Schuck*

Há dez meses...

Há dez meses algumas palavras novas invadiram meu vocabulário: aula síncrona, assíncrona, live, AER - Atividades de Ensino Remoto, relatório de atividades remotas, PAER - Plano de Atividades Remotas, Google Meet, Zoom, RNP, grupo de turmas no WhatsApp...

Há dez meses todas as salas de aula se concentraram em minha casa.

Há dez meses sou condicionada a uma nova comunicação.

Há dez meses todos os quadros das salas de aula se unificaram em meu tablet.

Há dez meses sinto falta de realizar cálculos matemáticos no quadro.

Há dez meses não ouço a voz de meus alunos, apenas um silêncio inquietante.

Há dez meses que lamento pela reificação tecnológica do meu ensino da matemática.

Há dez meses lido duramente com meu monólogo.

Há dez meses corrijo atividades de alunos por imagem digital.

Há dez meses preciso comprovar por relatório que estou trabalhando.

Há dez meses minha rotina está descompensada.

Há dez meses minha mesa de estudos é o lugar que mais habito.

Há dez meses lido com minhas questões ansiosas pelas aulas online.

Há dez meses percebi que operadoras de internet atuam mais em televenda que assistência técnica.

Há dez meses estou tentando compreender novamente do que se trata o tempo.

Há dez meses sou uma professora de matemática com saudade dos afetos presenciais...

Em dez meses espero que isso seja apenas uma carta do passado com potencial para problematizar um presente, quiçá um futuro.

Grata pela escuta!

Blumenau, Brasil, janeiro de 2021.

*Professora no Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau.



Em escuta

Por: Jussara Brigo*

A tentativa de escutar os barulhos que as palavras que ecoam do meu coração sobre o vivido em 2020 em tempos de pandemia é lento, parece que estou a soletrar sílabas para compor palavras que expressem o que senti enquanto profissional de educação básica. Sou professora de matemática, no entanto no ano de 2020 assumi o desafio de "supervisionar" (não gosto de alguns ecos dessa palavra, por isso marco com aspas e assim aviso que posso marcar outras palavras que me incomodam), ou seja, atuei na equipe de supervisão da maior escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Demorei muitos dias para escrever sobre o vivido em 2020, por isso sinto que as palavras escapam de meus dedos mas não escapam da minha alma.

Estar na supervisão e ser professora de matemática em tempos de pandemia foram momentos marcados por dias intensos (acho que intensos é pouco, perdi a conta de quantos dias fiquei sentada diante da tela do computador por mais de 14 horas), dias marcados de: tensões, frustrações, reinvenções, buscas, escutas, desabafos, solidão, incertezas, dúvidas e esperança.

Estar nos bastidores e no apoio dos acontecimentos de uma "educação não presencial" na Educação Básica Pública foi o maior desafio que já enfrentei enquanto professora de matemática até o momento, pois muitas coisas que eu pensei e compartilhei com os colegas não puderam ser feitas, e as que realizamos chegaram a pouquíssimos estudantes. A maioria dos estudantes de nossa escola não tiveram acesso a internet e com isso tudo o que se fez com os colegas professores utilizando as ferramentas tecnológicas não chegou a TODOS os estudantes, e isso foi muito dolorido para quem entende e acredita que a educação pública é um direito de TODOS.

Vi meus colegas professores se reinventando fazendo o impossível para tentar estabelecer comunicação com os estudantes e quem sabe alguma coisa pudesse ser ensinada a "distância". Acho que nunca tinha pensando tanto na presença, ou no estar presente, foi muito difícil perceber a ausência, num espaço que clama pela presença presente, acho que muitas vezes falei pra ninguém e também fiquei surda (porque as vezes rolava 3 eventos online ao mesmo tempo, e daí qual escutar? será que se escuta algo?)

Vi meus colegas da equipe pedagógica se virando nos trinta com a Vó Carmem para entregar uma cesta básica para as famílias da escola que ficaram sem renda e sem auxílio do governo.

Vi meus colegas da equipe pedagógica acolhendo, sofrendo e tentando fazer alguma coisa "a distância" com estudantes que foram vítimas de violência doméstica.

Vi e senti muitas outras coisas que não precisam ser escritas...

continua...



Mas há algo que desejo expressar sobre o vivido em 2020, em especial, sobre o verbo esperar, ou ainda, a esperança que me toma em relação ao papel da escola, do professor e da professora e do conhecimento, pois é nesse espaço e com as relações (estudante-professor) na presença que podemos apresentar aos estudantes o mundo e fazer da escola um abrir mundos, ou seja:

O mundo para ser aberto precisa de escolas!

O mundo para ser aberto precisa de professores! O mundo para ser aberto precisa de conhecimentos!

O abrir mundos não existe sem a escola é nela que se apresentam os detalhes do mundo, da vida, do conhecimentos

*.
. .*

detalhes invisíveis que assembram o mundo, tal qual como o Covid, um vírus que parou o mundo!!!!

...

detalhes invisíveis que despertam o interesse e o imaginário de estudantes e professores de que muitos outros mundos possam ser abertos...

E quem sabe essa carta pode provocar que outros mundos se abram e com isso outras palavras sejam escritas, ditas, pensadas, silenciadas e ecoadas...

Florianópolis, Brasil, fevereiro de 2021.



Em escuta

Por: Leticia Knaut Ferreira*

Relatos de experiência de uma professora de matemática do 7º ano em tempos de pandemia.

2020, o ano que ficou na história com algo que jamais pensaríamos que pudesse acontecer em pleno século XXI, uma pandemia. No começo achávamos que logo tudo voltaria ao normal, que seriam apenas alguns meses de quarentena, e que tudo ficaria bem, mas estávamos enganados. Neste último ano tivemos que nos re-inventar, re-aprender e re-planejar tudo o que havíamos pensado e planejado para os estudantes.

As dificuldades já iniciaram assim que foi colocado que trabalharíamos de forma online. Muitos estudantes não tinham acesso à internet, o que prejudicou ainda mais o processo de aprendizagem do ano. Perdemos o contato com diversos educandos neste período também. O que já era difícil na escola, ficou ainda pior em casa.

Foram momentos angustiantes. De um lado, a Secretaria de Educação cobrando notas e fechamentos, de um outro lado, estudantes evadidos, cansados, sem ânimo mais para continuar estudando. Erramos muito no início com nossos planejamentos de aula, pois o tempo em casa é muito diferente do tempo na escola, isso foi um grande desafio até que conseguimos enfim planejar de uma forma que surtisse um efeito positivo.

Apesar de todas as dificuldades que este ano de 2020 nos causou, também aprendemos muito com ele.

Aprendemos que não temos o controle de tudo e que nem sempre as coisas irão sair da forma que pensamos e planejamos. Também foi um momento que pudemos ter mais contato com a nossa família e desacelerar um pouco do ritmo corrido que sempre temos, e nos reconectarmos a nós mesmos, nos dando um tempo para pensar em tudo o que fazemos e se isso é ou não bom para nossa vida. Espero que este ano de 2021 continue nos trazendo mais aprendizados e que logo a vacina chegue a todos (as) para não voltarmos a ser como éramos, mas sim para voltarmos melhores!

Bom Retiro, Brasil, fevereiro de 2021.

*Professora na Escola de Educação Básica Alexandre de Gusmão.



Em escuta

Por: Sirlei Marli Gerhardt Rosa*

Tempos de pandemia...tempos difíceis mas de muita aprendizagem.

Aprendi a olhar a vida, as pessoas e o mundo de forma diferente, com mais empatia, mais cuidado, mais zelo, mas acima de tudo, aprendi a olhar meus alunos como pessoas cheias de impossibilidades e desafios, mas também cheios de esperança e de vida, cheios de sonhos e desejos.

Aprendi que posso me reinventar sempre, que sou capaz, que o que não pode faltar é a vontade de aprender. Que todos podem aprender a usar tecnologia, não importa a idade, a classe social ou qualquer outra coisa...o que importa é ter vontade de aprender e estar de coração aberto para as novidades de cada tempo.

Aprendi que ser flexível é imprescindível na educação, pois trabalhamos com pessoas...que tem sentimentos, angústias, dificuldades, que precisam de nós como educadores mas acima de tudo como seres humanos que somos, também limitados e muitas vezes com dificuldades.

Aprendi que não podemos ofuscar o brilho do nosso olhar, esse demonstra o amor que temos pelo que fazemos, pela educação.

Aprendi que ensinar matemática é importante e, mais importante ainda, é que eu tenha conseguido fazer com que meu aluno sinta que aquilo que vou lhe ensinar lhe faz falta, lhe é útil de alguma forma. E esse sentimento só vai brotar dele se eu, professor, conseguir despertar o seu desejo por aprender.

Neste tempo de pandemia aprendi muito, aprendi a ensinar matemática com mais empatia, com mais diversidade de estratégias e metodologias, usando mais tecnologia.

Mas penso que a maior aprendizagem que tive foi de que conhecimento partilhado se multiplica, e falo aqui da troca de informações e aprendizagens entre os profissionais da educação.

Isso foi maravilhoso! Juntos somos mais fortes.

Capinzal, Brasil, fevereiro de 2021.

*Professora na Escola Municipal Viver e Conhecer.



Em escuta

Por: Izoete dos Santos Riqueti*

Iniciando o ano de 2021, a impressão que tenho é que ele é uma continuidade do ano que passou. Na verdade, acredito que essa sensação se deve às incertezas e indefinições que carregamos de 2020. Trabalho na coordenação pedagógica da secretaria municipal da educação e a novidade nesse ano é que iniciamos na rede municipal de Capinzal com nossos alunos presencialmente, mas alguns optaram por continuar realizando atividades online com tira dúvidas via Google Meet ou WhatsApp e outros optaram por realizar atividades impressas. Esse processo de trabalho misto, híbrido ou outra denominação que queiram dar, ainda é angustiante para nós da gestão e também para os/as professores/as. Na universidade também vivo este processo como professora, pois iniciamos as aulas de modo online e estamos nos capacitando para a transmissão interativa das aulas para os acadêmicos que optaram pelo estudo online ao mesmo tempo em que a aula acontece presencialmente.

É um ano que se inicia com novas e velhas angústias e aprendizagens, vivências e trocas. Destaco um ponto positivo da rede municipal que vivenciei em 2020. Foram os grupos de trabalho organizados pela secretaria da educação para que os/as professores/as pudessem planejar juntos/as, discutir os objetos do conhecimento, elaborar planos de aula conjuntos. Os/as professores/as se reuniam semanalmente por componente, virtualmente (Google Meet) conversavam trocavam ideias, materiais, experiências cotidianas, dúvidas e se apoiavam no uso das tecnologias e mesmo em suas angústias envolvendo prazos, correção de atividades, lançamento de notas, uso do portal online, dificuldades em atingir os alunos, alunos que não realizavam atividades ou sobre os esforços dos alunos (com internet fraca ou via celular) para acompanhar as aulas e realizar as atividades, nas atividades impressas que chegavam atrasadas, entre tantas situações.

Participei de várias reuniões de planejamentos em diferentes grupos/ componentes e a troca fortalecia os/as professores/as – esse foi o lado bonito e de crescimento para todos/as. Confesso que, apesar da distância, nos tornamos mais íntimos, pois na reunião entravam os filhos das profissionais (mesmo que de maneira breve) e quando não entravam a gente solicitava vê-los ao final do encontro. Também chorei com o grupo quando era compartilhado uma fragilidade ou quando um/a colega expunha seus sentimentos e a gente não podia sequer dar um abraço; a empatia e acolhida tinha que ser virtual. Em meio a tudo isso crescemos, estudamos, discutimos e aprendemos.

No ano de 2021, o pedido de continuidade destes grupos foi atendido, pois precisamos acreditar e buscar apoio em nossos pares: Nos fortalecemos no coletivo! Lição aprendida!

Capinzal, Brasil, fevereiro de 2021.

*Professora de ensino superior e coordenadora pedagógica da SME de Capinzal-SE.



Em escuta

Por: Paula Cristina Bacca*

Olá!

Como disse a Débora, será que alguém me escuta?

Se sim, obrigada. O ano de 2020 passou como uma patrula no meu trabalho pedagógico. Estracalhou minha identidade de professora e me marcou com muitos questionamentos sobre a minha vida tanto na escola quanto pessoal. Como foi difícil encarar o computador e fazer uma aula, criar uma aula,... eu vivia em contato com pessoas! Meu trabalho era isso! Conversar, abraçar, olhar, rir e conviver com os alunos e toda comunidade escolar. Ficar na frente de um computador foi um martírio para mim! E o pior, como aluna de pós-graduação, tanto nos estudos quanto no trabalho eu tinha que sentar na frente da máquina. Confesso que teve dias em que eu não suportava sentar exatamente aqui onde estou e ainda resisto, mas infelizmente eu não tenho outra saída a não ser rir, conversar, olhar por aqui. Chorei na frente do computador, como criança pequena que não quer fazer o que a mãe pediu, eu chorei. Fiz de tudo para tornar o meu trabalho prazeroso como antes, mas não foi possível. O contato humano, o amor, a matéria a ser lecionada e a posição que ocupava perante meus alunos não era mais a mesma... e não era só isso que me assolava, não era só o fato de o modo de dar aula era outro. Haviam as mil e uma resoluções e portarias a serem cumpridas, os mil e um relatórios a serem preenchidos.

Meu Deus (suspiro), e o que era conseguir atender 4, 6, 10 turmas de Ensino Médio remotamente? Como é que eu ensinei Matemática. Será que ensinei? O mundo real cheio de sensações e sentimentos virou um passado. Eu não conseguia ver o brilho nos olhos do meu aluno ou se ele estava ou não entendendo o que eu estava falando. Porque o professor sente a sala de aula. A gente sabe quando a turma está entendendo ou não... e a palavra é essa mesmo: a gente sente a turma, sente o aprendizado, sente tudo o que acontece ali naquele momento.

Me questiono quem foi a professora Paula em 2020, pois a que escreve aqui não foi a mesma que preencheu diários e simplesmente deu nota para os alunos, afinal eles iriam passar de ano, pois eu nem tinha como saber se eles realmente haviam entendido, aprendido ou não. Não existiu o olho no olho.

E o que aconteceu foi um grande "faz de conta". Um faz de conta que dá aula, um faz de conta que aprendeu, um faz de conta que tá ali online, um faz de conta que avaliou... e esse faz de conta acontecia como se uma pandemia não estivesse ali no mundo real!!!!

Minha carta é muito triste, eu sei. E ainda me sinto muito triste, pois nada ainda foi discutido em minha escola sobre como será o ensino remoto em 2021...

Um abraço que tanto queria dar, mas, mais uma vez, infelizmente e ainda, o relato é online e eu estou sentada na frente de uma máquina!

Brusque, Brasil, março de 2021.

*Professora no Instituto Federal Catarinense.



Em escuta

Por: Eliamar Corradi*

Bom dia!

Sou Eliamar Corradi, filha, amiga, esposa, mãe, professora e vereadora entre tantas outras. Vou relatar minha experiência educacional neste último ano. Iniciamos 2020 como um "ano normal", atividades na secretaria de educação, organização de curso para professores e demais profissionais da educação, organização das escolas, escolha de turmas, organização do transporte escolar, troca de turno de alunos, compra de material, licitação, tomada de preço, reunião de pais., reunião dos conselhos (da Educação, Alimentação Escolar, FUNDEB, Cultura,...) olhar sistemas relacionados ao FNDE, decreto, portarias (ler as novas orientações, fazer outras), reunião de secretários de administração, reunião com outras secretaria de educação,... e assim vai.

Organiza plano de aula para os alunos da faculdade, compra livro, novas leituras, reunião na faculdade, curso, troca de experiências, planejamento a mil para iniciar mais um semestre.

Iniciamos o ano letivo, professores em sala, alunos indo e vindo, escola como escola, corredores cheios, a "melhor aula", educação física (relato dos alunos), transporte escolar cheio (colocar mais um ônibus para rodar pois os que estão rodando não dão conta), professor de atestado, servente de atestado, merendeira de atestado, escola se reorganiza e vamos seguindo. Hoje visita em uma escola, amanhã em outra, depois dia de visitar as escolas da zona rural, ver demandas que não foram percebidas antes do início do ano letivo. E eu, apreensiva pois esperava pelas aulas de Biologia na Escola Estadual, já eram 7 anos na Secretaria de Educação e queria retornar para a sala de aula. Na faculdade, tudo segue conforme o "plano para 2020".

Fim de fevereiro consegui minhas tão sonhadas aulas no laboratório de biologia da Escola Estadual, sai da secretaria com a sensação de dever cumprido, precisava me desafiar novamente. Mas não imaginava que este desafio viria repentinamente e de uma forma que não estávamos preparados. Na faculdade no dia seguinte após o decreto eu teria aula com meus alunos, e era #ficaremcasa, mas precisava dar aulas on-line. Tudo novo, por onde começar. Cada professor se organizou como sabia pra poder ministrar suas aulas, Os professores de sistemas da Informação nos ajudavam, davam dicas e assim fomos organizando, uns usando o Google Meet, outros o Zoom, uns o Hangouts, responde no WhatsApp para aluno porque caiu a conexão, manda e-mail, liga para aluno para saber porque não entrou na sala virtual, refaz a aula, cai conexão do professor (pois a cidade inteira está na rede), aumenta potência de rede de internet e assim vamos.

E, estava tranquilo, assustada mas tranquilo, pois seriam somente 15 dias. Nenhum caso de Covid-19 no município, férias antecipadas na escola estadual.... Logo voltaremos a "vida normal".

continua...



Mais um decreto que prorroga o #ficaemcasa e enquanto na faculdade dávamos continuidade da forma como achamos ideal com as plataformas digitais. Na escola estadual iniciamos curso para trabalhar com plataformas digitais. Professor achando bom, professor achando ruim, pais querendo saber quando retornaria as aulas, fazer grupos de WhatsApp com pais e alunos, passar informações, outros não recebem pois não tem acesso a internet. Ligar para esses pais, já trocaram de numero, pede se alguém conhece, manda recado, diretor cobrando novo plano de aula, atividades para enviar aos alunos, posta atividade na plataforma, alunos que não tem acesso, manda atividade para a escola. escola imprime atividade, separa por disciplina para cada aluno, organiza a entrega, pega assinatura, novo numero de telefone,... e eu ajudando na secretaria da escola, fazendo vídeo com professores no laboratório de Biologia.

Após, muitas reuniões on-line e em maio não retornaríamos as aulas presenciais optamos na faculdade que todos utilizasse a mesma plataforma para as aula on-line e mais uma para atividades complementares, o SAGA.H. Já era utilizado em algumas disciplinas. Mas vamos lá, organizar leituras e atividade nesta plataforma também. Cobra aluno porque não respondeu atividade, prorroga mias uns dias para entregar, retorna ligação, responde WhatsApp, responde e-mail, corrige, participa da reunião on-line (era tanta reunião que as vezes participava de duas ao mesmo tempo).

Na escola Estadual íamos no ritmo frenético, reorganiza planejamento, envia para aluno, envia para escola, corrige na plataforma se aluno enviou, retira na escola as atividades que aluno deixou, liga para pai porque aluno não realizou a atividade, liga para vir buscar as atividades, e assim fomos ate final do ano letivo.

Na faculdade em agosto retornamos com as aulas presenciais, seguindo todos os protocolos de segurança. Medir a temperatura, álcool gel, distanciamento na sala, álcool gel, sem circular, sem intervalo, Mas, como os alunos diziam: "bem melhor aula presencial". Inicia processo eleitoral, transfere, não transfere e acabou acontecendo. como se a pandemia não existisse. Uns achando que não era nada outros poucos se cuidando. após eleição... aumenta casos de covid-19.

E, finalizamos o semestre na faculdade de forma remota. Inicia 2021, retorna aula presencial, não retorna aula presencial,..... retornamos de forma híbrida, mas que quiser ficar de forma remota também tem essa opção. Então, lá vai o professor, planeja aula para a turma A presencial, para a semana que ficarão de forma remota e pra os colegas que ficarão somente remotos. Para a turma B seria o mesmo planejamento, mas percebe-se que as turmas não andam juntas, tem feriados, planejamento,.... e planos de aulas diferentes para turma A, turma B e remotos. escreve no grupo da turma, cuida o distanciamento na escola, passa álcool gel, limpa carteira, sentar sempre no mesmo lugar..., passa álcool gel, coloca a máscara, troca a máscara,....

Enquanto na faculdade os alunos remotos participam da aula de forma on-line, professor responde para aluno presencial mas não pode esquecer que tem aluno on-line e precisa responder para eles também, escreve no chat, responde no WhatsApp e a vida que segue.

Este é um pequeno relato da vida profissional, somente da professora, sem relatar a filha, amiga, mãe, esposa, vereadora,... Resumindo... Presencial, remoto, presencial, híbrido, remoto e este é nosso novo normal.

Saudades, Brasil, abril de 2021.



Em escuta

Por: Marcos Denilson Guimarães*

Sou o professor Marcos Denilson Guimarães e atualmente atuo no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão. Início esta carta afirmando que o ato de ensinar durante esta pandemia tem sido um dos meus maiores desafios como formador de professores e de sujeitos críticos e reflexivos. A pandemia do COVID-19 nos impôs novas regras de condutas, novas mudanças de contrato didático. Aqui me refiro às experiências que tive tanto na Graduação quanto no Mestrado.

Inicialmente, a imposição pelo trabalho remoto me causou muito medo, muita angústia e uma certa sensação de não ser possível dar conta do processo. Parecia que minha zona de conforto e toda aquela experiência de ensino presencial já acumulada iria por água abaixo. Era uma sensação que ao mesmo tempo que angustiava, me provocava o sentimento de poder realizar algo diferente com muito mais compromisso e seriedade.

Antes de efetivamente iniciar o curso (tanto da disciplina de Graduação quanto da disciplina de Mestrado), recebemos orientações e participamos de vários minicursos e webinários ofertados pela Diretoria de Tecnologias na Educação (DTEd) por meio da plataforma virtual "Ead para você" da UFMA.

Tivemos um intensivão de cursos cuja finalidade era auxiliar os professores no uso de novas tecnologias para serem utilizadas em suas aulas. A minha participação foi fundamental para que eu não me sentisse sozinho, tampouco alheio às intempéries do novo formato de aulas.

Desde aulas direcionadas ao uso do Google Meet, Google Classroom, Microsoft Teams até aulas focadas em metodologias e estratégias de avaliação, fui aos poucos conhecendo novas ferramentas de aprendizagem, bem como elaborando novas estratégias didáticas. Após essa fase importante de realização desses cursos (que tiveram início no final de abril do ano passado e que ainda hoje são ofertados), me senti mais preparado didaticamente para o ensino remoto. Ao pensar na elaboração do meu cronograma de aulas, achei fundamental dividi-las em síncronas e assíncronas.

Percebi logo nas primeiras aulas que somente isso ainda não era suficiente, pois mesmo sabendo que do outro lado existiam alunos(as) a participação ainda era muito tímida. Poucos se apresentavam para questionar ou mesmo tirar dúvidas durante as aulas. Era uma ausência que muito me incomodava. Passei então a deixar o ambiente um pouco mais leve, com a utilização de músicas antes do início de cada aula e durante os intervalos. Essas músicas foram relaxando eles que aos poucos começaram a falar mais, a se posicionarem bem mais. Ademais, utilizei ferramentas como o padlet e o slide que ajudaram na maior participação deles(as).

O planejamento era algo que tomava muito tempo. A sensação era a de que estava trabalhando duas, três vezes mais que no formato presencial. Essa sensação foi sendo comprovada ao longo do curso.

continua...



O meu cansaço era visível, o meu esgotamento físico era visível, pois a minha preocupação era não tornar as aulas monótonas, repetitivas e cansativas (imagine aí duas horas de aula de matemática de forma remota). Por conta disso buscava diversificar as minhas aulas. Do outro lado, passei a perceber que alguns discentes não acessavam às aulas de casa, outros afirmavam ter problemas com o acesso a internet e uma outra parcela acabou desistindo etc.

Uma das angústias que sempre me veio à cabeça foi a de que eles não estariam aprendendo tanto quanto no modelo presencial. Todavia, passei a me questionar: como posso mesclar minhas avaliações para que eles possam ser avaliados de forma mais completa? Essa preocupação com o que os discentes estão aprendendo considero muito válida para todos(as) professores(as). Pois a ideia não é quantidade, mas a qualidade do que se ensina.

Finalizo esta carta afirmando que embora o formato remoto não seja o desejável, pude aprender com os momentos de insegurança e de incertezas. A visão de ensino que tenho hoje ela é mais completa, pois a inserção das novas tecnologias no ambiente de sala de aula é algo hoje em dia inevitável (assim como tem sido há muito tempo).

Obrigado pela oportunidade de nos dar voz para falar sobre este processo contínuo e ainda demorado.

São Luís, Brasil, junho de 2021.





Da escrita a escuta: ecos e ressonâncias

As cartas são potência de sensibilidade ao expor memórias, vivências, experiências, expectativas, angústias, medos e incertezas, modos de ser e viver o ofício de professor em tempos de pandemia. Elas acontecem por meio das mãos e pensamentos daqueles que doam seu tempo para escrever e compartilhar, e sobrevivem por aqueles que doam seu tempo para escutar e fazer delas lugar de compartilhamento, de exercício de pesar. São relações que se estabelecem, produzindo sentidos entre quem as escreve e quem as lê. É percurso, na medida em que é escrita de alguém para alguém. É expor-se diante de si e do outro. Daí que escrever cartas é mais do que comunicar, é encontrar-se consigo, com o outro, é aproximar, fazer pensar, compartilhar.

Se um dos propósitos deste projeto foi propor aos professores e profissionais da educação um convite para o exercício da escrita, por outro lado, propôs-se ao grupo e a todos que leem esse material colocar-se na condição de escuta, a doar seu tempo e dar atenção aquilo que o outro tem a dizer e compartilhar, num movimento que visa acolher, solidarizar, estar junto, aprender com.

Nesse movimento, assumiu-se a escrita e a escuta como lugares estratégicos para pensar quem somos, por onde circulamos, que espaços habitamos e como nos relacionamos com a matemática, o ensinar, o aprender, a sala de aula, a escola, a universidade, possibilitando, durante o processo de escrever e escutar, experimentar a nós mesmos por diferentes modos de ser.

Assim, as cartas que aqui compartilhamos não pretendem oferecer receitas sobre como agir em tempos peculiares como este em que vivemos, onde as incertezas são mais certas que qualquer certeza, mas antes, oferecer-se como exercício de pensamento, porque, talvez, por meio deles, seja possível perceber o sentido da escrita e da escuta, ao colocarmos sobre a mesa as inquietudes e expectativas que invadem o ofício do professor e os fazem pensar sobre os sentidos de educar, ensinar e aprender em tempos de pandemia.

